

**:BLOCO DE NOTAS** Alexandra Prado Coelho**■ Pressão interna sobre Ahmadinejad**

O recado vem de vários lados: o verdadeiro perigo para o Presidente do Irão, Mahmud Ahmadinejad, é

interno e não externo. «A pressão interna, e não a externa, continua a ser a via melhor e mais segura para a reforma» do regime, defende o *International Crisis Group* num relatório de Fevereiro. Ahmadinejad foi eleito com base «numa plataforma de justiça económica e governo limpo, e será julgado sobretudo nessas áreas». As «ambições populistas» eram grandes, e os problemas já começaram a surgir, como se percebeu pelos resultados das eleições de Dezembro para os conselhos municipais e a Assembleia de Peritos. Mas o relatório explica que mesmo os inimigos do Presidente «não hesitarão em cerrar fileiras em seu apoio se acharem que os interesses vitais da República Islâmica estão em jogo». Por isso, avisa o ICG, «uma escalada militar adiara a mudança interna». Uma ideia semelhante é defendida por M K Bhadrakumar no *Asia Times Online*. Diz este analista que se «há um país em que um governo eleito pode cair por causa do preço dos tomates no Bazar», esse país é o Irão. O Bazar (os poderosos comerciantes) é uma instituição muito poderosa no complexo esquema da política iraniana e da sua posição pode depender o Governo de Ahmadinejad. E, garante Bhadrakumar, já há sinais visíveis de descontentamento no Bazar.

**■ Sem Fidel, o mesmo problema**

As lições aprendidas (ou não) pelos EUA na relação com Cuba poderiam ajudar na actual política face ao Irão. Mas, a acreditar na análise assinada por Julia E. Sweig na *Foreign Affairs*, as administrações americanas têm aprendido pouco ao longo das décadas. O que Sweig diz é que «com ou sem Fidel [Castro], os renovados esforços dos EUA para derrubar o regime revolucionário de Cuba não terão bons resultados – e são potencialmente prejudiciais». O primeiro erro, alimentado pelos cubanos exilados nos EUA, foi o de pensar que «sem o pulso de ferro de Fidel, a ilha iria irromper numa exigência colectiva de mudanças rápidas». Não aconteceu. A transição pós-Fidel já está em curso e, sublinha a autora do texto, intitulado «A Vitória Final de Fidel», não só os cubanos não se revoltaram como «a sua identidade nacional continua ligada à defesa da pátria de ataques americanos contra a sua soberania». O problema, diz, é que a política americana tem sido mais dominada por «wishful thinking» e «cada vez mais deslocada da realidade na ilha». Os objectivos de realização de eleições, liberta-

ção dos presos políticos, privatizações, imprensa livre «já não são realistas», escreve Sweig. «Por detrás de Raúl [o irmão de Fidel, que assumiu a liderança na sequência da degradação de saúde deste] há várias outras figuras com capacidade e autoridade para tomar as rédeas e continuar a transição, mesmo depois de Raúl», avisa.

**■ Uma nova narrativa para a Europa**

A Europa precisa de uma nova narrativa, defende Timothy Garton Ash, num texto publicado na revista *Prospect*. Numa altura

em que se comemora o 50º aniversário do Tratado de Roma, «a Europa já não sabe que história quer contar», até porque «a narrativa política partilhada que sustentou o projecto de integração europeia do pós-guerra durante três gerações» desfez-se desde o fim da Guerra Fria. Diz o historiador que neste momento «a maioria dos europeus não sabe de onde vem; e não partilhamos uma visão sobre para onde queremos ir». Por isso propõe uma nova narrativa, baseada em seis vias que representam objectivos europeus comuns: liberdade, paz, lei, prosperidade, diversidade e solidariedade. Não se trata de valores exclusivos da Europa, reconhece Garton Ash, mas «a maioria dos europeus concordaria que é característico da Europa contemporânea aspirar a eles».

**■ Ameaça no Norte de África**

Não tem estado nas notícias, mas isso não significa que não exista: o risco de terrorismo no Norte de África

mantém-se, alerta um relatório do *Power and Interest News Report* (PINR), de Fevereiro. Há uma rede islamista transnacional, que facilmente passa da Tunísia para a Argélia ou para Marrocos, operando em toda a região do Magrebe, e com uma actividade crescente nos últimos meses. A maior parte dos operacionais pertencem ao Grupo Salafista para a Prédica e Combate – argelino –, que conta com o «apoio moral» da al-Qaida, segundo o PINR. O relatório enumera uma série de acontecimentos recentes – prisões, pequenos grupos desmantelados – que «revelam uma intensificação dos contactos entre organizações islamistas operando nos países do Magrebe». E se a Argélia e Marrocos eram já alvos tradicionais, a Tunísia tinha sido até aqui relativamente poupada. Há, contudo, sinais de que o território tunisino está a ser cada vez mais usado – numa operação recente, a polícia descobriu, 50 quilómetros a Sul de Tunis, mapas de embaixadas locais, listas de diplomatas estrangeiros e uma substancial quantidade de explosivos.